FOLHETO
Nº 084
DATA 25/11/02

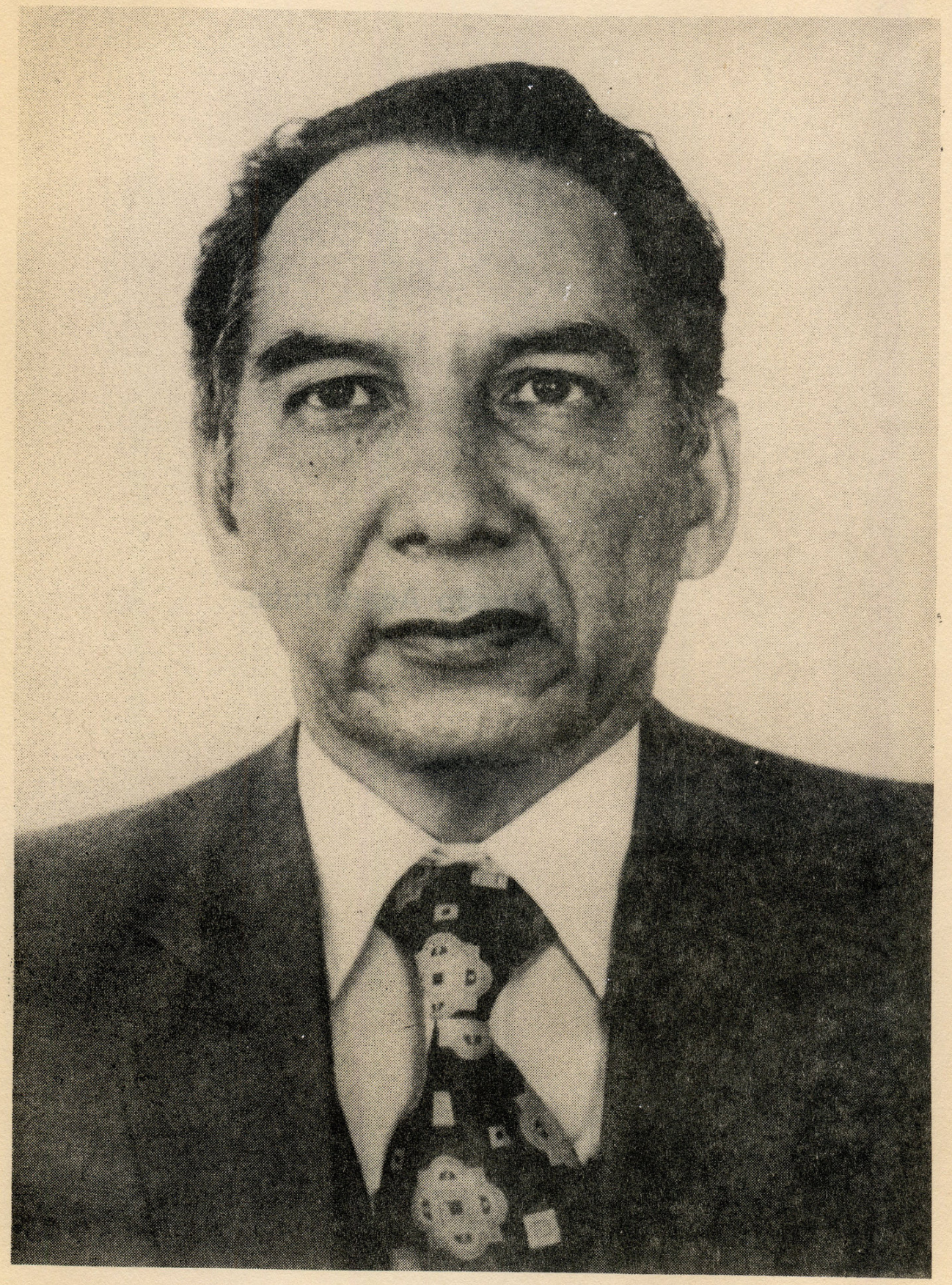
ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA
ROBÉRIO BRAGA

DISCURSOS

Coleção Acadêmica

MANAUS — 1985

Coleção Acadêmica
Discursos



Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha

Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha

Robério Braga

Coleção Acadêmica

Discursos

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

S U M Ā R I O

1. Dircurso de Posse do Excelentíssimo Senhor Doutor ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA na Poltrona nº 4 que tem como Patrono o Barão FRIEDRICH WILHELM KARL HEINRICH ALEXANDER VON HUMBOLDT e da qual foi ocupante AFRÂNIO ARAÚJO MAVIGNIER DE CASTRO .....

2. Discurso do Excelentíssimo Senhor Doutor ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA, Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas .....

3. Dados Biográficos do Excelentíssimo Senhor Doutor ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA .....

FOLHETO
Nº 084
DATA 25/11/02

Discurso de posse do Excelentíssimo Senhor Doutor "ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA" no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA)

Há momentos na vida de todos nós, em que um misto de surpresa, de envaidecimento, de temor e de alegria coloca nosso coração em rítmo descompassado porque, por mais paradoxal que seja o mundo em que vivemos, permanecem indeléveis os valores da inteligência e as reações dos sentimentos humanos.

De repente, não mais do que como em um passo de magia, de uma transformação fantástica, eis-nos engalanados e honrados com a nossa eleição para Sócio Efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Sodalício que, em seus 67 anos, tem abrigado e abriga homens do mais respeitável saber. Mas, eis-nos, também, temerosos ante a responsabilidade de tomarmos posição na cadeira, que tem como Patrono um naturalista da estirpe de Humboldt e na qual fomos precedidos por um dos nossos mais famosos artistas plásticos, o saudoso Afrânio de Castro. Nesses momentos, sonhamos em possuir o verbo de um Rui Barbosa , as rimas de um Castro Alves e as loas de um Catulo, para podermos, até mesmo em uma imperceptível transpiração cutânea, transmitir nossos sentimentos de uma maneira elegante e inflamada, em verso e prosa, compondo cânticos que façam justiça a grandeza deste Instituto e aos que honraram a Cadeira nº 4, que passará a ser por nós ocupada.

O Barão Friedrich Wilhelm Karl Heinrich Alexander von Humboldt nasceu em Berlim, em 14/09/1769, em uma Prússia onde a ciência era quase desprezada para as pessoas de sua classe social.

Afrânio Araújo Mavignier de Castro nasceu no nosso bucólico Janauacá, à época pertencente ao município de Manaus, em 03/08/1932, em um meio em que a cultura e as artes não ultrapassavam o seu ambiente familiar.

Se Humboldt teve a sua fascinação pelas coisas da natureza aguçada por fatos inéditos que povoaram seus sonhos juvenis, como a viagem de La Condamine pelo Amazonas, a expedição de Niebuhr pela desconhecida Arábia e as explorações do oceano Pacífico pelo Capitão Cook, Afrânio de Castro, que aos 6 anos de idade já pintava histórias em quadrinhos, teve a sua genialidade para a pintura, estimulada pelos mistérios e pela pujança da floresta e dos rios amazônicos.

O que nutria os sonhos de aventura de Humboldt representava, em Afrânio, a inspiração para pinturas acadêmicas e paisagens neo-realistas que, com o passar do tempo, exercitava por uma mera questão de sobrevivência, uma vez que influenciado por Salvador Dali, Picasso e, particularmente, pelo criador do surrealismo abstrato, o pintor polo

nês-americano Jackson Polock, preferia o estilo abstrato.

Se a Humboldt foi permitido frequentar a Universidade e legado uma fortuna que possibilitou executar os seus acalentados sonhos de exploração científica a Afrânio foi dado um espaço muito limitado, aproximando-se das dimensões de uma jaula na qual, no estertor de sua revolta, rugia ser "diretamente descendente dos **Vikings**", ser "um deus disfarçado de Afrânio".

Ambos possuiam uma forte personalidade, com um tipo de carisma que era quase impossível ignorá-los e, embora suas maneiras nem sempre fossem impecáveis, eram populares na sociedade.

Humboldt, aos 24 anos, com a publicação do livro "Florae Fribergensis", desperta sobre si a atenção do mundo científico induzindo pessoas como Goethe, que, além de poeta, crítico de arte e pintor, também era um homem de ciência, a procurá-lo na esperança de discutir seus estudos sobre a metamorfose das plantas.

A repercussão de "Florae Fribergensis" foi tão grande que, até mesmo, o descrédito e a humilhação sentida, quatro anos mais tarde, com a queda de sua hipótese sobre a eletricidade animal, determinada pela invenção da bateria elétrica por Volta, não abalaram o seu prestígio.

Aos 29 anos, Humboldt já era herdeiro de razoável fortuna e impedido de estudar os vulcões italianos, devido as guerras napoleônicas, viaja para a Suíça onde se dedica ao estudo das medidas magnéticas, meteorológicas e geográficas e, posteriormente, para a França, atendendo a um convite de participar de uma expedição no rio Nilo. Em Paris, discute suas observações com cientistas famosos como o químico Thénard, o botânico Jussieu, o zoologista Cuvier e os astrônomos e matemáticos Lelande e Laplace. Porém, tanto a expedição ao Nilo como uma outra, programada pelo governo francês para dar a volta ao mundo, não se concretizaram, com o que, em companhia daquele que viria a ser seu grande amigo, o botânico Aimé Bonpland, resolve ir para a Espanha, em busca de uma permissão real para conhecer as colônias espanholas, na América.

Em 1799, parte na corveta Pizarro, do porto de Corunna, com destino a Havana. Contudo, em virtude de um surto de febre tifóide, somente, com muita dificuldade, o barco alcançou Cunamá, na costa da Venezuela. Extasiado com o exótico mundo que encontrara, Humboldt desiste de ir para Cuba e se propõe a investigar dois grandes problemas

geográficos - A nascente do Orinoco e a existência do canal Cassiquiare, que se supunha ligar o Orinoco à bacia Amazônica.

Na busca do canal de Cassiquiare, o desconforto da canoa era compensado pelo deslumbramento ante a inconcebível variedade da fauna e da flora. Nessa memorável empreitada bebeu o **sui generis** leite vegetal, "o leite de amapá", obtido de **Brosimum utile**, saboreou a tartaruga, expôs seu próprio corpo aos choques dos puraquês e experimentou o famoso veneno "curarê", preparado pelos índios, a partir de espécies de **Strychnos** e usado para matar e paralisar homens e animais e também, como remédio para dores de estômago, uma vez que seu efeito letal só se manifesta quando na corrente sanguínea.

Jamais teria alcançado o seu desiderato, não fosse uma notificação da Corôa Portuguesa, ao Governador do Pará, prevenindo contra uma possível divulgação por Humboldt, de novas idéias e novos princípios religiosos, o que resultou na sua prisão, tão logo alcançou o pequeno posto militar de São Carlos, na fronteira Brasil/Venezuela. Após uma noite na prisão, Humboldt muda seus planos de navegar o rio Amazonas até o Atlântico e, em seu regresso, encontrou o legendário canal Cassiquiare na fronteira Venezuela/Colombia.

Posteriormente, navega para Cuba, de onde despacha parte de seu acervo científico para a França e para a Inglaterra e retorna para o Perú, na esperança de se engajar na expedição que o Cap. Baudin realizava em volta da terra. Nesse retorno, realiza a célebre escalada da montanha de Chimborazo, então a maior altitude jamais escalada pelo homem, o que o torna ainda mais famoso. Verifica ao passar por Cajamarca, onde Pizarro capturou o rei Inca, Athualpa, que a agulha de seu compasso magnético virou de Norte para o Sul, indicando que ele tinha atravessado o Equador. Suas medidas da intensidade magnética da terra, neste ponto, serviram como referência para as medidas geomagnéticas por mais de meio século.

Realizou, pela primeira vez, medidas oceanográficas na costa peruana pelo que lhe foi atribuída a descoberta e dado o seu nome, a despeito de seus protestos, às correntes frias, já conhecidas dos pescadores locais há mais de 3 séculos. Ironicamente é a homenagem à sua memória melhor conhecida. A expedição de Humboldt é uma das mais notáveis da história da ciência. Nos 5 anos de sua duração, ele coletou nada menos que 60.000 especimens vegetais e organizou coleções geológicas, zoológicas e etnográficas. Bem como valiosas anotações com um

grande número de dados astronômicos, geológicos, meteorológicos e oceanográficos. Inumeráveis leituras de latitudes e longitudes e dezenas de leituras magnéticas que mostraram, claramente, que a intensidade magnética aumenta com a latitude e conduziram Gauss a formular a sua teoria de campo magnético.

As pesquisas de Humboldt estabeleceram novos parâmetros para a Geografia e o ponto inicial da moderna Geofísica, da Fitogeografia e os fundamentos da Ecologia.

Foi admirado por estadistas como Thomas Jefferson, Simon Bolivar e Napoleão. Privou da amizade de cientistas como Gay Lussac, a quem ajudou nas investigações da composição do ar e de Berthollet, a quem homenageou denominando a nossa castanheira de **Bertholletia excelsa**. Foi o primeiro a reconhecer o gênio matemático de Gauss e o talento de Justus Liebig, aclamado por muitos como o pai da Química Orgânica.

A sua coleção "Voyage aux régions équinoxiales du Noveau Continent fait en 1799 - 1804 par A. von Humboldt e A. Bonpland" permanece como um marco a sua energia e tenacidade. Consta de 30 volumes que podem ser divididos em três partes principais - a 1ª registra as anotações científicas - os dados botânicos, zoológicos, geográficos, astronômicos e meteorológicos e inclui 2 atlas. A 2ª versa sobre a geografia e a economia de Cuba e do México, sendo, na realidade, o primeiro tratado de Geografia Econômica. A 3ª é formada por uma narrativa incompleta de suas viagens, ilustrações das montanhas e da arte Azteca e da história da descoberta da América. Esta obra levou 29 anos para ser escrita e causou a ruína financeira de Humboldt, mas, também, foi durante muito tempo a inspiração de jovens naturalistas como Charles Darwin e Louis Agassiz. Nos seus 60 anos realiza, ainda, uma expedição à Sibéria. Um eterno radical, compassivamente preocupado com a sorte dos pobres, criticou duramente a Rússia de Nicholas I.

Foi um ídolo na revolução alemã de 1848 e despendeu os últimos anos de sua vida em seu trabalho mais famoso, no qual apresenta a sua visão da natureza do mundo, o seu livro intitulado "Cosmos", no qual reafirma a sua tenaz crença na unidade da raça humana.

Cientista, explorador e diplomata recebeu quase todas as condecorações que a Europa podia oferecer e foi, provavelmente, o último homem verdadeiramente universal, deixando o seu nome em mais de mil lugares dos cinco continentes e, até mesmo, em uma cratera na lua.

Morreu pateticamente pobre, aos quase 90 anos, em 06/05/1859.

O ano de sua morte foi marcado pela publicação do livro "Origem das Espécies" de Darwin e a grande explosão dos conhecimentos que ele tinha iniciado.

Afrânio Araújo Mavignier de Castro foi o penúltimo dos 7 filhos de Antonio Mavignier de Castro e Vicência Araújo de Castro. Ela, natural do Amazonas, foi a chama de carinho e de amor que, com dedicação, soube desenvolver com desvêlo a divina tarefa de transmitir aos filhos os sãos princípios cristãos. Ele, um cearense educado na França, foi o exemplo dignificante que, com a devoção de um sacerdócio, transmitiu aos filhos a sensibilidade para as letras e para as artes. Foi Promotor Público, Professor de Francês e Membro da Academia Amazonense de Letras, sendo os seus trabalhos mais conhecidos os livros "Amazônia Panteísta" e "Evolução da Cidade de Manaus", ambos com edições esgotadas. Faleceu em 1970, o mesmo ano em que Afrânio foi eleito Diretor do Museu de Artes Plásticas do IGHA.

Afrânio fez o curso primário no Grupo Escolar "Ribeiro da Cunha", iniciou o ginásio no Colégio "Dom Bosco" e terminou no Colégio "Estadual do Amazonas". Recebeu pequena orientação do pintor Braco e Silva. Falava inglês, francês, alemão e espanhol e lia com voracidade tudo que lhe chegava às mãos, particularmente os livros sobre artes. Apreciava a música erudita ao som da qual recebia a inspiração para as suas pinturas.

Ainda jovem transfere-se para o eixo Rio/São Paulo, onde serviu como funcionário da Cruz Vermelha e dá os primeiros passos na comercialização de seus quadros.

Nos anos 50 participa do movimento da cultura de vanguarda, livre e desconvencional, denominado "Clube da Madrugada", que ultrapassou as fronteiras de nosso Estado e ganhou renome e respeito nacional.

Em 1962, participa da inauguração do "Salão Madrugada" expondo desenhos ao lado das esculturas de Álvaro Páscoa e das pinturas de Moacir de Andrade.

Em 1963, participa da "I Feira de Artes Plásticas do Amazonas", onde foram lançados novos pintores como Simão Assayag, Gualter Batista e Jacquemont Catanhede.

Em 1968, participa da "Exposição Coletiva dos Concorrentes aos Prêmios Estado do Amazonas - Artes Plásticas", dentro do "II Fes

tival da Cultura", promovido pela Secretaria de Educação do Amazonas e Fundação Cultural do Amazonas, com as telas "Sinfonia Amazônica de nºs 1 a 5", ao lado de Flávio Augusto Mota, Georgina Castelo Branco, Hannemann Bacelar, Júlio Dellome, Maria Pestana da Gama, Mário de Souza, Moacir Andrade e Jorge Marques.

Após 1968, provavelmente já traumatizado com a incompreensão dirigida ao seu trabalho, deixa de realizar exposições em Manaus, a não ser sua participação na I Galeria de Arte, instalada em loja comercial, na firma Farias Nobre, à rua Barroso, juntamente com Moacir Andrade, expondo telas com temáticas regionais e exploração de planos visuais.

No interregno 1968-1976, participa de 3 bienais em São Paulo, uma bienal na Bahia e duas em Belém. Assim como participa de dois salões promovidos pela Prefeitura de Belo Horizonte.

A sua participação na IX Bienal de Arte Moderna de São Paulo com os quadros "Acarauaçú", "Galo de briga", "Acará-bandeira", "Acará-papa-terra" e "Empinadores de papagaio" marcou pela primeira vez a presença do Amazonas em tão significante evento de arte. O curioso, entretanto, foi que enquanto o júri internacional da Bienal, composto de um inglês, um francês e três brasileiros, atribuiu ao trabalho de Afrânio de Castro "um alto valor cultural, artístico e humano", o Conselho Estadual de Cultura do Amazonas o analisou como "desprovido de cultura". Reafirmando a máxima de que "santo de casa não faz milagres".

Em 1969, publica no "O Jornal" o poema "Noturno-Praia do Beira-Mar, em que descreve com rara felicidade os tipos humanos, o ambiente ora exótico e misterioso, ora promíscuo da rampa do mercado municipal.

No IGHA, onde teve ingresso em 1962, serviu como Diretor do Museu de Artes Plásticas na gestão do Desembargador João Rebelo Correa (1968-1973), Diretor do Museu de Artes Populares na gestão do Desembargador André Vidal de Araújo (1974-1976) e Membro da Comissão Permanente de Numismática, Clíptica, Criptografia, Heráldica, Filatelia, Vinhetas e Ex-líbris na gestão de Rodolfo Guimarães Valle (1977-1978).

Em 1971, assumiu a Coordenação da Galeria de Arte da Fundação Cultural do Amazonas.

Em 1972, assume a Diretoria da Pinacotéca do Estado, que fun

cionou nos altos da Biblioteca Pública. Em sua administração, coordenou cursos de pintura, desenho, escultura e história da arte. Corrigiu a falha da ausência de uma tela do pintor português Antonio da Rocha que mantinha seus quadros em exposição permanente em sua residência, na rua Saldanha Marinho e que se dedicava à pintura acadêmica e paisagística, tendo como inspiração igapós, garças, vitórias-régias, enfim, aspectos da natureza amazônica. E ainda em 1972, promoveu uma exposição de arte japonesa, em colaboração com o Consulado Japonês (02 a 10/10/72). Em 1973 organizou uma exposição de 63 quadros de "Chico da Silva", um dos mais famosos pintores acreanos e uma exposição dos artistas da vanguarda baiana, que contou com tapêtes de Genaro de Carvalho, entalhes de Mário Cravo e pinturas de Caribé. Promoveu a "II Exposição de Filatelia do Amazonas".

A respeito desta faceta de Afrânio, é interessante relembrarmos o que escreveu Beth Azize, em "A Crítica", em outubro de 1973 - "Afrânio de Castro, o troglodita, foi durante 5 anos um dos diretores da Fundação Cultural com o salário mensal de Cr$742,00, por dois expedientes e com a incumbência de fazer o "Jornal Cultura". Muitas vezes foi visto pagando de seu bolso a limpeza do salão, quando requisitado pelos Consulados para fazerem exposições e solenidades".

Afrânio de Castro foi membro da União Brasileira de Escritores e da Associação Amazonense de Imprensa. Foi repórter em Manaus e em Belém e teve alguns de seus poemas divulgados em jornais do Sul do País. Participou em 1976, como representante da UBE, da Comissão que julgou os trabalhos de teatro na competição ao Prêmio Literário Prefeitura Municipal de Manaus. Em 1977 fez ilustrações em poemas de Max Carphentier. E em 1980 publicou "Poema para João Paulo II".

Um fato interessante de sua vida aconteceu quando expunha seus quadros no **hall** do Jornal do Comércio. A exposição atraiu a atenção de turistas que passeavam pela cidade e foram todos os quadros comprados em um só dia, com o que teve que encerrar a exposição.

De condições financeiras modestas, vivia com a sua mãe no conjunto residencial Castelo Branco, à rua 20 C/783, onde instalou o seu atelier. A Comissão do Patrimônio Histórico do Amazonas, por indicação do IGHA, instituiu a Fundação Casa de Afrânio de Castro, que deveria transformar a sua aconchegante morada em exposição permanente de sua obra e de sua vida em escola de artes, a ser entregue à comunidade do Parque 10 de Novembro.

Além de desenvolver na pintura uma técnica que denominou "um abstrato dentro do abstrato", que pretendeu mostrar em uma exposição intitulada "Ritmos da Amazônia", Afrânio também se dedicou à xilogravura e a escultura, sendo de sua lavra a máscara de Bruno de Menezes, erigida na Praça Heliodoro Balbi, de nossa Capital.

Agraciado com Menção Honrosa no II Salão de Artes Plásticas da Universidade do Pará, recebeu como prêmio, uma visita à Bienal de São Paulo.

Como por ironia, apesar de ser um exímio nadador, morreu por afogamento às 17 horas do dia 20/09/81, tendo sido o seu corpo velado e homenageado por Fábio Lucena no IGHA e sepultado no Cemitério São João Batista. Com sua morte, um artista emudeceu, um pincel se calou. Em Manaus, govêrno, instituições, intelectuais e o povo renderam comoventes homenagens à sua figura amiga e humana e à sua obra.

A respeito de seu trabalho e de sua personalidade, assim se expressaram os seus contemporâneos quando, ainda em vida e após a sua morte:

"JORNAL DO CLUBE DA MADRUGADA" - Ano IX - nº 444 analisando o que era a pintura antes do Clube da Madrugada: O primeiro ismo surge com Afrânio de Castro. Técnica surrealista, influenciada pela temática cronológica de Salvador Dali".

"A NOTÍCIA" - Coluna O Mundo das Artes - 07/11/76 analisando o livro "A Solidação dos Anjos" de Antísthenes Pinto: "Antísthenes Pinto é um dos maiores escritores amazonenses, que ao lado de Jorge Tufic, na poesia, e Afrânio de Castro, na pintura, formam um trio dourado de talento".

"O PINTOR NEWTON NAVARRO" - Diretor da Galeria de Arte de Natal, quando da exposição de Afrânio "artista premiado com medalha de ouro em São Paulo e Menção Honrosa em várias outras mostras de arte, já expôs vitoriosamente no Rio e São Paulo e agora vai expor em Natal, Fortaleza, Recife, Salvador e Brasília. Seu estilo é classificado como impressionista e também simbolista e expressionista".

"COUTO RODRIGUES EM "O JORNAL DO COMÉRCIO" - Em 20/03/81-Afrânio de Castro é gigante na humildade que cultiva. E porque é um homem bom, talvez até ingênuo e sofrido, poucos o compreendem. Mas tem que ser respeitado. A história da arte amazonense lhe prestará a justiça no tempo próprio".

"FÁBIO LUCENA EM "A CRÍTICA" - Em 22/09/81 - Afrânio está para as artes plásticas como Augusto dos Anjos está para a poesia. Tanto quanto o poeta da morte, o pintor do universo tornou-se um enigma"... Solitário a vida inteira, uniu sua solidão a comoventes companheirismos: primeiro, a boêmia, da qual jurou jamais se divorciar. Depois o namorado das madrugadas, que ele invadia com o archote dos **vikings**, de quem se considerava descendente em linha reta".

"CARLOS COSTA EM "A CRÍTICA" - Em 22/09/81 - Escritor de grande talento, mas nunca voltado para a publicação de seus trabalhos. Afrânio de Castro era evitado, muitas vezes, em círculos intelectuais porque a sua vida de ébrio assim determinava. Não era triste, ao contrário era alegre, mesmo quando sabia que não estava agradando. Confesso que nunca consegui entendê-lo totalmente, momento ele era lírico, momento era satírico e momento era revoltado. Esses momentos quase sempre eram pintados em seus quadros".

"ROBÉRIO BRAGA EM "A CRÍTICA" - Em 27/09/81 - "Afrânio foi um gigante ao enfrentar a vida e as dificuldades que teve para viver. Forte de físico, agressivo no falar, estourado no agir, era sincero , mais do que sincero, direto e sem objetividade, dizia tudo que lhe vinha na telha e não raras vezes feria aos outros com esta postura, exatamente porque são poucas as pessoas que se dão bem vendo o seu próprio retrato espelhado pelas verdades mais puras, que não querem reconhecer nem aceitar como suas. Mágico do pincel, mago nas artes em geral, foi poeta sem forma exata mas de sentimento e sempre conseguiu por na tela, no papel ou nas fulfurações poéticas, todo um sentimento verdadeiro e quase sempre muito doído que tinha dentro de si. Sofredor dos mais fatigados por não ter tido uma chance na vida, passou os seus últimos tempos entregue ao dissabor de ver-se, consumido pela bebida ... encontrou-se afinal com a morte, sua antiga sonhadora musa, porque em muito se inspirou nela, tão nefasta para os que aqui ficam, produzindo seus quadros e poemas em louvor quase louco a desesperadas sintonias do mundo dos Alfas e **Vikings** ... agressivo, era manso e sentimental muitas vezes, delicado e coloquial outras tantas, mas não conseguiu esconder nunca a revolta de não ter conseguido concretizar-se na arte e na vida pública, ocupando o lugar destacado que bem merecia afora o seu temperamento impulsivo e desastroso... não terá deixado só a imagem de um derrotado na vida social, mas antes de tudo um grande mestre da pintura, escultura e um poeta que começa a versar.

"A CRÍTICA - COLUNA MADRUGADA" - Em 27/09/81 - Afrânio de Castro era um grande solitário. Um emotivo, e a poesia, tanto quanto a pintura, servia-lhe de refúgio nos dias em que, por falta de recursos financeiros, mantinha-se em casa... Muitas vezes carente de afeto e compreensão, assim vivera os seus últimos dias... Mas o que fazer diante de um homem todo liberdade, rebeldia e autodeliberação? Ele próprio advertia aos que fingiam ignorá-lo: olhem que sou deus disfarçado em Afrânio de Castro. Vingava-se desse modo antepondo às adversidades o tempero de brincadeiras que ficaram famosas, apelidos exatos aos tipos zoológicos que deparava em seu caminho, letras improvisadas sobre os amigos do clube, animando o ambiente. Era sóbrio ou alegre. A tristeza deixava para quando estava sozinho".

Meus Senhores, minhas Senhoras! De tudo o que lemos e aprendemos sobre Afrânio de Castro, nada calaria tão profundamente como as palavras de Álvaro Maia dedicada a Lauro Cavalcante em "Prece de Saudade": "Morto, continuas a viver, só a alma desapareceu com o aniquilamento de teu cérebro. Não abrirás trajetórias rubras pelo vácuo, não traçarás deslumbramentos no seio da Via Láctea... Ficarás na terra, que tanto quisestes pelo bem e pelo mal que te deu e, como símbolo de gratidão e caridade, disperse em átomos, sorrirás, eternamente vivo, nas maravilhas das transfigurações".

Ao finalizar queremos externar os nossos agradecimentos a Dra. Dagmar Tavares, irmã caçula de Afrânio, por tão gentilmente ternos cedido parte de suas carinhosas recordações fraternais, sem as quais, seria extremamente difícil compormos este trabalho.

Ao substituirmos Afrânio Araújo Mavignier de Castro, na poltrona de Alexander von Humboldt, sentimo-nos enaltecidos com a honraria, lúcidos da responsabilidade para com a "Casa de Bernardo Ramos" e com um estímulo a incontida curiosidade intelectual, apanágio dos que se dedicam ao estudo das coisas naturais. Fortalecidos por este estímulo e ancorados na fé que depositamos no Grande Arquiteto do Universo tudo faremos para honrar a indicação do amigo Humberto Figliuolo e a confiança dos que nos elegeram para este Egrégio Sodalício, relicário de gloriosas memórias e tradições do Amazonas.

Fala Presidencial -

Doutor ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

As instituições culturais permanecem e se fortificam ao longo dos anos, quando cumprem o seu papel na sociedade e vão galhardoando aqueles que se destacam na evolução do conhecimento.

Autoridades
Minhas senhoras e meus senhores
Ilustrados consócios
Excelentíssimo Senhor Doutor Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha

Renovam-se hoje os grandes laços de familiaridade entre o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e a Maçonaria amazonense.

Fundado sob a inspiração maior do culto à Geografia e à História, o Instituto guarda da secular instituição maçônica, muito de sua filosofia, e a proteção aos seus primeiros anos de vida, assim como a conformação das diretrizes básicas de sua organização.

No Estatuto original, aprovado por Decreto governamental em 1917, hoje restabelecido com as adaptações necessárias ao nosso tempo, estão inscritas as normas básicas a que o Instituto tem se submetido durante os 68 anos de sua existência, e este Salão Nobre dedicado ao Imperador D. Pedro II, diz da organização de um templo maçônico. Outras tantas são as coincidências encontradas no desenvolvimento do Estatuto, até mesmo nos poderes fiscalizadores que ao Orador Oficial eram concedidos, como na exigência de conduta moral ilibada para ingressar no seio da agremiação, ou nas determinações de eliminação do faltoso.

Foram maçons seus fundadores. Agnello Bittencourt, Bernardo Azevedo da Silva Ramos e Vivaldo Lima. Assim também muitos de seus ex-presidentes: João Machado Jr., João Rebelo Corrêa, Antonio Braga Teixeira, Rodolpho Valle, Mário Ypiranga, e maçons foram também expoentes de sua diretoria, como André Jobim e Justino Marcos da Silva.

Nos dias de agora aqui estão, honrando esta Casa, Mário Vercosa, Antônio Loureiro, Junot Frederico, Arlindo Porto, Humberto Figliuolo, Ruy Lins, Waldemar Salles, Ulysses Bittencourt.

Aqui, como na Maçonaria, construímos templos às virtudes do espírito, pelo saber; nos preocupamos com a estética na realização do belo e do útil e como operários do conhecimento vamos edificar tem

plos à memória do nosso passado.

Cultivamos as idéias, como estudo da Lógica; na Moral identificamos a virtude mais pura do ser humano e conhecemos a liberdade, a igualdade e a fraternidade, quando nos mantemos equidistantes das crenças políticas e religiosas mas a todas conhecemos e respeitamos e aprofundamos a metafísica quando apelamos para as energias superiores que dirigem o mundo.

Em tudo, no Instituto como na Maçonaria, nos basta a intuição do Ideal que representamos ao cultuarmos as letras, as ciências sociais e difundirmos dentre as gerações do presente os feitos heróicos dos de antanho na construção da nossa civilização.

Podem alguns indagar: Por que a proximidade tão profunda entre o Instituto Histórico e a Maçonaria? Cultuamos a História, registrando-a, analisando-a e revendo suas lições. Neste revolver de páginas da vida, nos deparamos constantemente com maçons, e com o desempenho da própria instituição maçonica, sempre e sempre, na defesa intransigente do bem, da liberdade, da igualdade de direitos entre os cidadãos.

Se a História do Brasil tem páginas incontáveis construídas sob os templos maçônicos que honram nossos ideais de liberdade e justiça, como não cansam de proclamar os mais notáveis historiadores que têm se dedicado a divulgar os feitos da instituição, no Amazonas não foi diferente. A adesão do Amazonas à Independência, a abolição da escravatura negra, a imprensa liberal, as escolas nos bairros quando o poder público mal podia manter as existentes; o asilo de velhos e mendigos; o atendimento aos esportes; o auxílio ao natal dos pobres; as campanhas contra o alcoolismo; as mais modernas contra os tóxicos; e outras tantas iniciativas, conformam um quadro de muitas realizações que enobrecem a Instituição e dignificam todos que conheceram a luz.

Por isso, ao recebermos Vossa Excelência, Doutor Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha, eleito como foi para a poltrona patrocinada pelo sábio Alexander von Humboldt a substituir o artista de grande força técnica que foi o bravo Afrânio de Castro, sentimos renovarem-se os laços de família entre o Instituto e a Maçonaria, através da Benemérita Loja "Amazonas" hoje sob sua presidência venerável.

Aqui chega o Maçom. O cientista sobretudo. Aquele que plasmou nos laboratórios a cultura científica que ostenta com simplicidade comprovada nos artigos dados à lume em importantes boletins de

caráter técnico e que pretendeu a glória acadêmica no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, para reanimar o próprio espírito e conhecer outros círculos intelectuais.

Que dizer do antecessor. Senti no discurso de Vossa Excelência a preocupação de expor ao conhecimento do público, dos estudiosos e do futuro, a vida e a obra do artista plástico Afrânio de Castro. Sobre mim, confesso, não pesariam tais preocupações. Conheci-o de perto. Figura descomprometida com padrões sociais, Afrânio era o artista por excelência, completamente desvinculado de quaisquer grupos, facções ou tendências, produzia com o pincel, carvão, cryon, caneta, sobre tela ou papel, tanto quanto foi poeta. Homem simples, até pelo próprio destino que a vida lhe impôs, atropelou a sua própria existência, de cujo berço poderia se orgulhar, porque mesmo pobre, seu pai foi um **gentleman**, um cultor das boas letras e um apaixonado pelo mundo amazônico, mesmo depois de ter conhecido a bela e apaixonante Paris.

Designei a data de hoje para a posse de Vossa Excelência, Dr. Imbiriba, porque festejamos também os 68 anos de instalação do Instituto, consagrando o dia 13 de maio, em honra da abolição da escravatura negra no Brasil, para o que tanto concorreram maçons de todo o Brasil.

Há lições - sábias lições, a serem extraídas nest'ora quando refletimos todos sobre o passado, as honras e as glórias do Instituto e da Maçonaria. Como a praticamos nos dias de hoje? Continuamos - como no passado, distantes das pecuinhas dos espíritos em provação, ou estamos permitindo que as mazelas do mundo das trevas nos alcancem também? Porque nos dividimos quando unidos seríamos mais fortes. Por que operários de tantas empresas do passado, são vistos com desdém pelos empreiteiros de novas e significativas obras. Por que perdem-se, às vezes, os aventais pálidos e dignos, pelos rebordados ofuscantes das glórias de elevações, quando nos bastam o cinzel e o avental de obreiro para polirmos a pedra bruta - sempre bruta, posta diante de nós. Por que não despertamos com nova visão para o futuro?

No Instituto - senhores meus, ilustre recipiendário - cinzel se transforma em pena ágil, a produzir estudos para a história e as ciências sociais a seu serviço, e vale muito mais que tudo, o amor devotado a esta Casa que deve permanecer solene, impoluta, sóbria e eterna ao passar dos anos. Não cultivamos a crítica fácil, mas a reflexão, a sincera amizade entre todos, e sobretudo, a compreensão da missão que compete do Instituto desempenhar na nossa sociedade como centro de

estudos e palácio do saber.

É para este mundo que foestes eleito, e acabastes de ingressar. Entrai refletindo sobre tudo quanto ouvistes hoje e podeis tomar da colher e untar a massa conosco, porque o futuro vai julgar a obra que erguemos em prol deste amanhã. Que a grande estrela esteja diante de nós flamejante.

3.

Dados Biográficos do Excelentíssimo Senhor
Doutor ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA

ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA nasceu em Prainha(Pa), no dia 10 de setembro de 1934, filho de José Cardoso da Rocha e Argemira Imbiriba da Rocha. Cursou o primário e o ginásio em Santarém(Pa) e bacharelou-se em Química Industrial (1962) pela Escola de Química do Pará, hoje incorporada a Universidade Federal do Pará. Durante os seus cursos científico e universitário foi funcionário do The Bank of London & South America Ltda. Em 1958 casou-se com Ely da Silva Albuquerque e com ela teve 3 filhos, José Francisco, Elynaldo e Arnaldo. Veio para Manaus em janeiro de 1963 a fim de atender ao "Curso Básico e Experimental de Fitoquímica", oferecido pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), à época sob a direção do Dr. Djalma da Cunha Batista. Suas atividades científicas iniciais visavam à análise de minérios e para tanto, ainda bacharelando, estagiou no Laboratório de Solos do Instituto Agronômico do Norte, hoje transformado em Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias - EMBRAPA (1962) e posteriormente nos Laboratórios da Produção Mineral do Ministério de Minas e Energia (1964). Em 1963 foi convidado para lecionar Química Analítica Qualitativa no recém criado "Curso de Licenciatura em Química", da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje pertencente ao Instituto de Ciências Exatas da Fundação Universidade do Amazonas (FUA). Iniciou suas pesquisas em produtos naturais de origem vegetal como colaborador do Professor Michael Patrick Cava (1965) e sob sua orientação e como bolsista selecionado pela The Comission for Educational Exchange Between United States of America and Brazil (Fulbright Hays Act) estagiou na Wayne State University, Detroit, Michigan, EE.UU., especializando-se na separação e identificação de alcalóides (1966). Para a obtenção do grau de Mestre, defendeu na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro a tese "Estudo Químico de Quatro Plantas da Amazônia", obtendo a nota máxima (1971). Sua tese de Doutoramento "Alcalóides Indolo-Terpênicos como Marcadores Quimiossistemáticos", defendida no Instituto de Química da Universidade de São Paulo foi aprovada com distinção e louvor (1977). Tanto o seu curso de Mestrado como o de Doutoramento foram realizados sob a orientação do Professor Otto Richard Gottlieb, que também foi seu Professor no Curso Básico e Experimental de Fitoquímica, patrocinado pelo INPA (1963). Realizou o Pós-Doutoramento na University of California - San Diego, Califórnia, EE.UU., nos laboratórios do Prof. Ernest Wenkert, como bolsista da John Simon Guggenheim Memorial Foundation (1982). Entre outras atividades, foi Chefe dos Laboratórios de Química Orgânica e Inorgânica (1963/1968) e do Setor de Fitoquímica do INPA (1971); primeiro Delegado do Conselho

Regional de Química no Amazonas (1965/1968); Chefe dos Departamentos de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1972) e do Instituto de Ciências Exatas (1973 e 1978) da Universidade do Amazonas; Vice-Diretor e Diretor do Instituto de Ciências Exatas da Universidade do Amazonas (1973/1974) e Primeiro Presidente da Associação de Profissionais da Química do Amazonas (1980/1981). Coordenou e participou de diversos projetos de pesquisa contando com várias dezenas de trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, participações em congressos, conferências e cursos proferidos. Destacam-se entre os seus trabalhos científicos o estudo de plantas alcaloíferas, em particular as pertencentes as famílias Menispermaceae e Apocynaceae. Realizou um selecionamento de plantas, contendo alcalóides, em aproximadamente 2.000 espécies catalogadas no herbário do INPA. Participou do isolamento e da identificação de uma nova classe de alcalóides os "azafluorantenos" e de vários outros alcalóides com estruturas inéditas. Ao lado do estudo de alcalóides, diversos outros compostos inéditos constam de suas pesquisas como flavonóides de Leguminose, neolignanas de Laurraceae e ecdisona de Menispermaceae. Importantes, também, são seus estudos sobre Quimiossistemática utilizando como marcadores alcalóides indolo-terpênicos. Pertence a diversas associações científicas como a Associação Brasileira de Química, American Chemical Society, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e Sociedade Brasileira de Química, sendo desta última Delegado no Amazonas e Editor Associado da revista "Química Nova". É Professor de Química Orgânica do Departamento de Química do Instituto de Ciências Exatas da FUA, Professor de Quimiossistemática e orientador de Tese dos Cursos de Pós-Graduação do Convênio FUA/INPA e participa e coordena projetos de pesquisa que objetivam o estudo químico de plantas da Amazônia.

IMPRESSO NO
SETOR GRÁFICO UNIVERSITÁRIO
Rua Leovegildo Coelho, 460
Manaus — Amazonas

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM